AVALIAR PARA PROMOVER UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

RILZA MARIA BARROS DE SOUZA

RESUMO

A presente pesquisa de revisão bibliográfica trata da avaliação enquanto ferramenta de aprendizagem no processo de ensino e formação do indivíduo. Compreender o significado de avaliação da aprendizagem requer abordar o assunto de maneira mais detalhada, uma vez que constitui instrumento de reflexão e, assim sendo, torna-se necessário buscar os elementos que circundam e interagem. Destacamos ainda a avaliação dentro da nova LDB. Utilizamos, também, os fundamentos de Luckesi, Hoffmann, Freire, Parâmetros Curriculares Nacionais entre outros, para refletirmos o processo avaliativo. Entendendo a importância da avaliação no processo de ensino e aprendizagem, o presente trabalho objetiva problematizar o processo avaliativo, principalmente a partir dos discursos dos professores. Assim, faz-se necessário questionar sobre o papel da avaliação e as condições necessárias para que esta se efetue de maneira justa e coerente. Concluiu-se que avaliar é um processo planejado com informações para compreensão a tomada de decisões, que visem melhorar a qualidade do que se avalia e instruir o aluno envolvido neste processo.

PALAVRAS-CHAVE: Avaliação de aprendizagem. Ensino; Estudante; Avaliação Formativa.

ABSTRACT

This bibliographic review research deals with evaluation as a learning tool in the teaching and training process of the individual. Understanding the meaning of evaluating learning requires addressing the subject in a more detailed way, since it constitutes a tool for reflection and, therefore, it becomes necessary to seek the elements that surround and Interact. We also highlight the evaluation within the new LDB. We also use the foundations of Luckesi, Hoffmann, Melchior, National Curricular Parameters and others, to reflect the evaluation process. Understanding the importance of evaluation in the Exprocess of teaching and learning, the present work aims to problematize the evaluation process, mainly from the discourses of teachers. It is therefore necessary to ask about the role of the evaluation and the conditions necessary for it to be carried out in a fair and consistent manner. It was concluded that evaluation is a planned process with information for understanding the decision-making, which aims to improve the quality of what is evaluated and to instruct the student involved in this process.

KEYWORDS: Learning evaluation. Teach. Student. Formative Evaluation.

1. INTRODUÇÃO

A avaliação é um processo abrangente que requer uma reflexão crítica sobre a prática, no sentido de compreender, seus avanços, suas resistências e dificuldades a fim de possibilitar uma tomada de decisão sobre o que fazer para superar os entraves que impedem a aprendizagem dos alunos.

É recorrente no contexto educacional e formativo a discussão sobre a avaliação da aprendizagem, tendo em vista que ela é uma das ferramentas que os professores utilizam para entender como está evoluindo o processo de ensinoaprendizagem dos estudantes. Concordamos com Luckesi (2011), quando diz que a avaliação deve ser vista como uma oportunidade de proporcionar a educação como mecanismo de transformação.

A avaliação como processo contínuo e não como momento único e isolado deve levar em conta tudo ao avaliar e não servir apenas para aprovar ou reprovar. Os resultados finais, assim como todo o processo têm que ser considerados. Compreender e explicar o processo de aprendizagem leva ao entendimento de como este se deu, à identificação de problemas e facilita a busca de soluções e de caminhos para superação dos mesmos. Assim a avaliação passa a ser um instrumento facilitador da construção do conhecimento.

Observa-se que todas estas questões mencionadas têm relação com a avaliação, a partir daí, entendendo que várias indagações podem ser colocadas ao se pesquisar o tema, coloca-se em pauta as que nortearam esta pesquisa: o que é avaliação? a avaliação da aprendizagem e desenvolvimento do educando é uma fundamentalmente escolar? são educacionais ou também políticos os objetivos da avaliação realizada na escola? que papel deve cumprir a avaliação no processo de ensino e aprendizagem?

A discussão em torno da avaliação no contexto escolar é um tema que gera inquietação constante na realidade dos professores e das demais pessoas envolvidas no processo, que se esforçam no dia a dia de suas ações, para executarem uma avaliação mais inteligente, mas que terminam por seguir padrões já vivenciados, sem tentarem nada de novo. Nesse aspecto, este trabalho se justifica porque é preciso salientar que o professor é uma peça chave no processo avaliativo, que vai muito além da simples

transmissão de informações.

Justifica-se na pesquisa as inquietações sobre as práticas avaliativas e a experiência da autora como professora, haja vista a avaliação ser um processo formativo que deve ser (re)pensado, além do ato de examinar/aprovar/reprovar os sujeitos, deixando de ser classificatório para tornar-se um momento de aprendizagem significativa. Seguindo essa vertente, é imprescindível entender e enxergar a avaliação como instrumento que possibilita inúmeras formas de perceber as habilidades dos alunos.

Desse modo, bons mecanismos de avaliação da aprendizagem proporcionam circunstâncias para uma prática satisfatória. Portanto, é preciso refletir sobre o papel da avaliação e as condições para que ela ocorra de forma justa e coerente emergindo em um feedback positivo.

2. DESENVOLVIMENTO

A avaliação consiste em uma dimensão de grande relevância para o processo de ensino aprendizagem, uma vez que ela permite aos envolvidos no processo – educadores, educandos, gestores, famílias poderes públicos e a sociedade de maneira geral perceber os aspectos de relativos avanços e aspectos que merecem melhorias.

Professores e alunos utilizaram-se do termo avaliação atribuindo-lhes significados relacionados, principalmente, a elementos que constituem a prática avaliativa tradicional: prova, nota, exame, aprovação, reprovação. Como aponta Hoffman (1993 e 1991), a avaliação é um fenômeno indefinido: vários podem ser seus significados e entendimentos.

Segundo Kenski (In: HAIDT, p.316), a concepção de avaliação está muito presente no cotidiano. Em todos os momentos as pessoas precisam avaliar situações para tomar decisões que vão lhes indicar a melhor opção. Por exemplo, se uma pessoa vai sair de casa e percebe que o clima está instável, ela avalia a situação e decide se levará consigo, ou não, um guarda-chuva. Ou então quando se percebe que o caminho para o trabalho está congestionado, é preciso avaliar e planejar um outro percurso.

No contexto escolar, Alavarse (2013, p. 144) expõe uma visão mais ampla em que a "avaliação é um processo curricular, ou seja, ela é um processo – um conjunto de elementos – e, simultaneamente, faz parte do conjunto das atividades da escola – seu currículo", um conjunto de elementos inerente à rotina escolar, que no limite, detém o poder de reter um estudante, promover um estudante, identificar eventuais dificuldades em um dado momento ou ainda, rever eventualmente as práticas pedagógicas.

Vasconcelos (1995 p. 113), nos diz que: "a avaliação faz parte do processo educacional, não devendo ter uma ênfase desmedida, como se fosse o elemento mais importante". Por isso o processo avaliativo deve estar intimamente ligado ao planejamento em suas mais variadas dimensões. Assim o professor poderá identificar as facilidades e dificuldades que os alunos apresentam e levantar hipóteses sobre as causas dessas dificuldades. Dessa maneira o professor estará atuando como um educador pesquisador, já que a avaliação é um processo de investigação intimamente ligada à pesquisa e a reflexão sobre a prática pedagógica.

Segundo Luckesi aborda que "na nossa prática educativa a avaliação da aprendizagem ganhou um espaço tão amplo nos processos de ensino que nossa prática educativa escolar passou a ser direcionada por uma pedagogia do exame" (Luckesi, 2001, p. 17). E a avaliação é caracterizada por três formas: diagnóstica, formativa e cumulativa.

A avaliação diagnóstica é utilizada para constatar se os alunos apresentam conhecimentos imprescindíveis para novas aprendizagens. O professor com esta avaliação tem a possibilidade de perceber todo o aprendizado do aluno, em qual nível ele está, com isto, ele terá condições necessárias de elaborar suas metodologias relativas à condição do aluno. Essa avaliação ocorre no início do período letivo, justamente para auxiliar o professor a obter informações sobre o aluno, mas, se necessário, a avaliação diagnóstica pode se estender ao longo do ano letivo. Quando ela ocorre desta forma, ela tem o intuito de apresentar o progresso que o aluno está desempenhando durante sua formação; sendo realizada no fim do período, a avaliação serve para analisar o sucesso ou fracasso no ensino, para ser revisto, e reformular todo o processo acadêmico e currículos escolares, se preciso, ou permanecer com o mesmo, se estiver surtindo efeito.

Usar a avaliação diagnóstica é deixar de fazer julgamento sobre a aprendizagem do aluno, para compreender o que o aluno já sabe; os caminhos que ele percorreu para seu conhecimento, a sua construção, podendo potencializar suas possibilidades de avanços e as suas dificuldades, tendo em vista a sua superação (SILVA, 2005). Todo o processo de avaliação requer análises e observações para pensar e repensar, se necessário, as melhores formas de adequar o que é ensinado para os diversos alunos que estão em sala de aula, como também valorizar os seus conhecimentos, os seus pensamentos e o seu posicionamento diante daquilo que estão aprendendo em sala de aula.

A avaliação Formativa tem a função de controle, é realizada durante todo o decorrer do período letivo, com o intuito de verificar se os alunos estão atingindo os

objetivos previstos, isto é, quais os resultados alcançados durante o desenvolvimento das atividades, ela visa fundamentalmente, determinar se o aluno domina gradativa e hierarquicamente cada etapa da instrução, porque antes de prosseguir para uma etapa subseqüente de ensino-aprendizagem, os objetivos em questão, de uma ou de outra forma, devem éter seu alcance assegurado.

Assim, ela fornece dados aos professores de como está a aprendizagem dos alunos, se seus métodos utilizados nas aulas estão dando certo. Por esses motivos, ela está relacionada ao mecanismo de feedback, visto que possibilita ao professor identificar suas falhas, permitindo-lhe modificar e reformular estratégias na execução do seu trabalho didático, visando sempre aperfeiçoá-lo.

Para Coll, Martín e Palácios (2004), a avaliação formativa é também conhecida como contínua e/ou reguladora. Para os autores, essa modalidade busca estabelecer relações sobre o progresso do aluno e a construção do conhecimento em consonância com a ação didática. Ainda conforme os autores, a avaliação formativa compreende um "conjunto de atividades múltiplas" que permitem ao professor acompanhar a evolução da aprendizagem do aluno, de forma que possa, inclusive, aprimorar e/ou melhorar a sua própria ação avaliativa.

A avaliação Formativa baseada na observação e interpretação dos processos e dos conhecimentos de cada um é aquela que "ajuda o aluno a aprender e a se desenvolver" (PERRENOUD, 1999, p. 15). Ela propicia ao professor o acesso preciso e qualificado das informações necessárias para que ele possa intervir no processo de aprendizagem dos alunos com maior eficiência.

A avaliação somativa ou classificatória, Martins (1995, p.35) aborda que: "sua função é classificar os alunos ao final da unidade, semestre ou ano letivo, segundo níveis de aproveitamento apresentados". Essa avaliação é a mais conhecida de todos porque é a mais prática. Nelas são realizados os famosos exames, provas e testes para se dar notas que classifiquem os alunos como aprovados e reprovados no final do ano letivo. Sem contar que quando se pratica a avaliação somativa, se usa o ato de examinar e deixa de lado o ato de avaliar.

Para finalizar, Haydt afirma que "a avaliação somativa, com função classificatória, realiza-se ao final de um curso, período letivo ou unidade de ensino, e consiste em classificar os alunos de acordo com os níveis de aproveitamento previamente estabelecidos" (HAYDT, 2008, p. 18). Ao final do curso, o professor poderá avaliar corretamente o que o aluno aprendeu, se o estudante conseguiu efetivamente atingir a meta estipulada pela escola e pelo professor para com o aluno.

Identificamos que a avaliação somativa pode contribuir com os processos de ensino e aprendizagem se empregada junto com as avaliações diagnóstica e formativa, pois isso "ocorre quando o professor, durante o desenvolvimento do ensino-aprendizagem, se vale dos recursos das duas primeiras [formativa e diagnóstica], empregando ao final a somativa" (TURRA et. al., 2019, p. 186, grifo do original). Porém, para se ter êxito na avaliação somativa, as avaliações diagnósticas e formativas precisam ser trabalhadas com os alunos de maneira eficiente, pois se durante o processo de ensino houver falhas nessas duas, a somativa servirá apenas para mensurar quantitativamente o aprendizado do aluno, não a qualidade desse aprendizado por parte do aluno.

Segundo Hoffmann (2001), avaliar nesse novo paradigma é dinamizar oportunidades de ação-reflexão, num acompanhamento permanente do professor e este deve propiciar ao aluno, em seu processo de aprendizagem, reflexões acerca do mundo, formando seres críticos libertários e participativos na construção de verdades formuladas e reformuladas.

Quanto à questão dos registros na avaliação mediadora, a autora escreve que para os teóricos da avaliação, não é mais concebível que se adote registros classificatórios, segregadores, excludentes, para a análise e para o acompanhamento do processo de aprendizagem. Da mesma maneira, eles questionam a simplificação na hora de se interpretar as idéias arquitetadas pelo discente por meio de provas objetivas corrigidas por meio de gabaritos. De acordo com autora, esses instrumentos classificatórios não se harmonizam com a complexidade do conhecimento.

As três funções da avaliação são interdependentes, porém cada uma é usada no momento específico do processo educacional, com menor ou maior ênfase de acordo com a necessidade. Ao observarmos que a avaliação deve estar no ponto de partida e o ponto de chegada do trabalho pedagógico, também concluímos que ela media o caminho a ser percorrido. Reafirmamos que não há como nos prendermos apenas a uma função da avaliação.

Para Luckesi (2001) o resultado que é empregado à avaliação, essa média que precisa ser alcançada se deve a importância do ato avaliativo. Para ele avaliar precisa fornecer informações importantes para a aprendizagem do alunado, dando suporte ao longo de sua jornada na questão do crescimento e desenvolvimento. É um autor que evidencia o valor do amor, por isso salienta que na avaliação o professor deve ser amoroso, esse processo avaliativo deve conter essas características.

Dessa forma, foi possível evidenciar as diversas conceituações que podem ser

encontradas na avaliação da aprendizagem. Formas essas que o professor pode utilizar no processo de sala de aula. No entanto, vale destacar que as intencionalidades postas na avaliação dependem de todos que integram o contexto escolar, a exemplo de gestores, professores, coordenadores, etc., produzindo resultados com esses alunos.

Segundo Hoffmann (2006) é interessante que o professor leve o aluno a pensar conduzindo-o a construir o conhecimento através de formulações e reformulações de hipóteses, tornando os alunos seres críticos e participativos, inseridos num contexto social e político por meio de avaliação dialógica e interativa, saindo de um modelo tradicionalista. Alguns exemplos de instrumentos avaliativos que atenderão a essa proposta são os debates, as redações e questionários. Para uma avaliação formativa o educador pode formular questões como "O que você acha de...?", "O que você entende de...?", cabendo assim uma concepção de teste.

Para a autora supracitada, um processo contínuo de autoavaliação está no centro da relação entre educadores e educandos. O estudante tenta aprender, mas não consegue e o professor sabe como o estudante deveria agir ou o quê deveria aprender, porém também sabe que não adianta mostrar ou ensinar porque ele mesmo deve construir conceitos ou atitudes para seu próprio aprendizado e ambos desenvolvem processos reflexivos para encontrar a melhor forma de prosseguir nesse caminho para uma aprendizagem verdadeiramente significativa.

Como afirma Haydt (2012, p. 56), "as técnicas e instrumentos de avaliação são classificadas de diversas formas. Em geral, as classificações são elaboradas de acordo com a forma de coleta dos dados". Sabemos que são muitos os instrumentos a serem escolhidos pelos professores para melhor avaliar seus alunos, por isso é preciso que os educadores saibam a melhor forma de escolher tais instrumentos.

"Podemos notar também que grande é a variedade de instrumentos que o professor tem a seu dispor para determinar o nível de desempenho apresentado pelos alunos, em função dos objetivos propostos" (HAYDT 2012, p. 58). Não adianta o professor somente escolher os instrumentos, ele precisa ter um objetivo a ser cumprido para que o instrumento realmente realize uma avaliação adequada.

Sendo assim, os instrumentos de avaliação devem ser compreendidos como meios que permitam que o aluno expresse o que aprendeu, ao mesmo tempo que o professor avalie e reflita sobre a forma de trabalho pedagógico assumida com a turma, permitindo com o resultado da avaliação, redimensionar estratégias e técnicas em prol do pleno desenvolvimento da turma, e visando uma aprendizagem mais significativa.

Um mapa conceitual é, em geral, uma representação estrutural e significativa em forma de diagrama com relações hierarquizadas entre dois ou mais conceitos, de modo a formar uma proposição. Já a proposição é formada por dois ou mais termos ligados por palavras que formam uma unidade semântica. (NOVAK, 2019). Os mapas conceituais vêm sendo utilizados com fins educativos, para auxiliar professores e alunos, como instrumento didático no processo de ensino e aprendizagem, na avaliação da aprendizagem, no planejamento e na análise do currículo. Uma de suas utilizações mais comuns é no sentido de representar as relações hierárquicas das estruturas entre conceitos, que têm como objetivo facilitar a aprendizagem.

Masetto (2001, p. 101) afirma: "a prova com consulta ajuda o aluno a resolver um caso, a escolher as fontes adequadas para delas, retirar informações que lhe faltem. Comentários escritos, resenhas, sínteses, relatórios de grupos oferecem novas oportunidades de aprender", e as questões propostas devem ser elaboradas cuidadosamente para que não haja simples transcrição do material de consulta para a prova; assim como permitir o uso do material de consulta evita-se a exclusiva memorização dos temas/conteúdos e permite a seleção de questões que priorizem a reflexão, a elaboração de conceitos, a interpretação do tema estudado.

O portfólio um instrumento que permite ao professor observar os seus alunos, suas capacidades na resolução de problemas e, também o desenvolvimento de suas competências. Nesse sentido, na medida em que os projetos avançam, são propiciadas diversas oportunidades de participação, que evidenciam o desenvolvimento dos educandos e fornecem informação enquanto sua aprendizagem. (Alvarenga, 2001)

Não há uma regra sobre o que deve conter o Portfólio ou como deve ser a sua estrutura. O que é preciso é zelar pela qualidade das informações. Não há necessidade de redundância, ou seja, da repetição de atividades, mas da inclusão de evidências que possam clarear a compreensão com diferentes níveis de reflexividade sobre os novos saberes, bem como sobre o seu processo de desenvolvimento. O passo inicial e determinante à construção do Portfólio é a definição do seu objetivo. O estudante deve ter clareza do que lhe é solicitado para atingir os seus fins (VILLAS BOAS, 2015).

CONCLUSÃO

O processo de avaliação deve sempre ser uma etapa durante a qual se promova o desenvolvimento real e potencial dos alu-

nos. A avaliação é orientadora do processo de compreensão por parte do professor em relação aos processos que os alunos usam para aprender a reter o «que ele lhes ensina. A avaliação significa desenvolvimento máximo possível, um permanente vir e ser, sem limites pré-estabelecidos, embora com objetivos claramente delineados. Sua finalidade é fazer com que os alunos aprendam mais e melhor, com o compromisso de construir uma sociedade mais justa, humana e fraterna.

Ressaltamos que a partir desses estudos concordamos com a premissa de que a avaliação da aprendizagem envolve o contexto socioeducacional e não incide somente sobre estudantes e professores/as. Ela é complexa e contextualizada e se concentra em vários aspectos, junto ao estudante, o/a professor/a, a gestão da escola e as políticas sociais que circundam o tempo e o espaço educacional.

A avaliação faz parte do projeto pedagógico escolar, e não existe e opera por si mesma, ao contrário, está a serviço do projeto pedagógico e é determinada pelas concepções que fundamentam tal proposta de ensino, e que acabam norteando as ações dos docentes. Sem a avaliação, fica-se desprovido de evidências que possam monitorar e interferir nas condições que prejudicam ou potencializam o alcance dos objetivos educacionais pretendidos. Portanto, avaliar é preciso sempre.

É importante frisar que o professor não é o culpado, e nem o aluno, pelo fracasso escolar, mas, sim o sistema burocrático que toma a avaliação como rédea do ensino como se a avaliação fosse o centro de todo o ensino. Os alunos tentam seguir os professores e os professores tentam cumprir o sistema e ambos se tornam reféns deste processo. Os métodos avaliativos ainda continuam os mesmos. Estão baseados na base da classificação.

Os instrumentos de avaliação necessitam constantemente serem revistos tanto na sua estrutura como nos planejamentos futuros das disciplinas, uma vez que avaliar é um processo transformador e dinâmico, isto é, localizar as lacunas no processo de ensino e aprendizagem. Assim, os questionamentos e resultados dos mesmos, possibilitam-nos a refletir a respeito das práticas de ensino e de avaliação.

Assim sendo, avaliar a aprendizagem deve ser um processo e não um fim, aplicar provas ou testes ao final de bimestres ou semestres apenas com o intuito de atribuir nota aos alunos, aprovativas ou reprovativas, sem se quer pensar em mudar a prática para ajudar os alunos que não apresentaram aprendizagem ainda, é uma forma de excluir parte dos alunos.

A escola só irá melhorar em todos os aspectos e, principalmente, na avaliação da aprendizagem escolar quando ela entender de fato que, avaliar, é buscar conhecer o educando para proporcionar métodos que facilitem o seu aprendizado. Do contrário iremos continuar apenas verificando a aprendizagem, classificando os nossos alunos e deixando para trás a qualidade de ensino.

REFERÊNCIAS

ALAVARSE, Ocimar. Desafios da avaliação educacional: ensino e aprendizagem como objetos de avaliação para a igualdade de resultados. Cadernos Cenpec, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 135-153, jun. 2013.

COLL, César; MARTÍN, Elena; ONRUBIA, Javier. Avaliação da aprendizagem escolar: dimensões psicológicas, pedagógicas e sociais. In: COLL, César et. al. Desenvolvimento psicológico e educação. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 370385.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004

HAYDT, Regina Célia. C. Curso de didática geral, 7ª ed. São Paulo, SP: Ática, 2003.

_____, Regina Célia Cazaux. Avaliação do processo ensinoaprendizagem. 6. Ed. São Paulo: Ática, 2008.

HAYDT, Regina Célia Cazaux. Avaliação do processo ensinoaprendizagem. 3. ed. São Paulo: Ática. 2012.

HOFFMAN, J.M.L. Avaliação e construção do conhecimento. Educação e Realidade. vol.17, no.2, jul/dez. p.53-58, 1991.

_____. Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré-escola à Universidade. Porto alegre: Educação e Realidade, 1993.

_____. Avaliar para promover: as setas do caminho. Porto alegre: Ed. Mediação, 2001.

HOFFMANN, J. O Jogo do Contrário em avaliação. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2006.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar. São Paulo: Cortez, 2001.

_____, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. 22º ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MASETTO, M. Atividades pedagógicas no cotidiano da sala de aula universitária: reflexões e sugestões práticas. In: Castanho, S; Castanho, M. E. (orgs). Temas e textos em metodologia do ensino superior. 2. Ed. Campinas: Papirus, 2001.

NOVAK, J. D; GOWIN, D. B. Aprender a aprender. Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 1984.

PERRENOUD, P. Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SILVA, Liara Maria; BEZERRA, Maria Lusia Morais. Instrumentos de biologia: identificação, reflexão e ações do PIBID. I Congresso de Inovação Pedagógica em Arapiraca e VII Seminário de estagio, 2015,

TURRA, C. M. G. Et al. Planejamento de ensino e avaliação. 11. ed. Porto Alegre: S. Luzzatto, 2019.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. Avaliação: Concepção Dialético-

Libertadora do Processo de Avaliação Escolar. S. P. Libertad. 1994

VILLAS BOAS, B. M. de F. Portfólio, avaliação e trabalho pedagógico.

Campinas: Papirus, 2015.